

Ataques atingem central nuclear do Irã pela primeira vez na guerra

ONU confirmou os danos à unidade, mas disse não haver risco de vazamento

Pela primeira vez desde que os Estados Unidos e Israel iniciaram sua guerra contra o Irã, um ataque mirando o programa nuclear da teocracia foi confirmado. Segundo a AIEA (Agência Internacional de Energia Atômica), a central de Natanz foi atingida.

O órgão ligado à ONU afirmou nesta terça-feira (3) que imagens de satélite mostram danos à entrada do complexo subterrâneo, que já havia sido objeto de bombardeio quando os EUA atacaram três instalações nucleares iranianas em junho passado. Na véspera, havia descartado esse tipo de ação, denunciada pelos iranianos.

Não há, segundo a AIEA, risco imediato de vazamento radioativo. O diretor-geral do órgão, o argentino Rafael Grossi, advertiu que esse é um perigo evidente na campanha militar em curso e disse que grandes contingentes de população podem ter de ser deslocados caso haja contaminação.

Com isso, fica claro que o programa nuclear iraniano, “casus belli” inicial de Donald Trump ao justificar o conflito, está na mira. Não está claro quem atacou o local, se os EUA ou Israel, mas, pela divisão de trabalho vigente entre os aliados, provavelmente foram os americanos.

A data da ação não é co-



U.S. Navy

Bombardeio americano ao Irã acertou o programa nuclear do país islâmico

nhecida, mas no domingo (1º) quatro bombardeiros furtivos ao radar B-2 fizeram uma missão sobre o Irã. O modelo havia sido empregado na ação de junho por ser o único do arsenal americano que pode carregar a mais poderosa bomba de penetração em bunkers, já usada no ataque passado.

Os aviões fizeram voos de 37 horas de ida e volta, apoiados por uma frota de caças como escolta

e aviões-tanque para reabastecimento aéreo, a partir de sua base no Missouri.

De forma ideal para os EUA, os B-2 deveriam ser lançados da base de Diego Garcia, que fica a 3.800 km das costas iranianas, no oceano Índico —longe do alcance de qualquer míssil balístico da teocracia.

Mas a base é britânica e, apesar de ela estar operando caças e aviões de apoio americanos, o

governo de Keir Starmer não permitiu seu uso por bombardeiros.

No domingo, pressionado, o premiê permitiu que os EUA a utilizem para “ataques defensivos”, mas foi duramente criticado por Trump, que já se queixava da transferência do controle do arquipélago onde a unidade fica para as ilhas Maurício. A relação entre Washington e Londres não é mais como antes, afirmou o americano.

Também nesta terça, a gigante estatal russa Rosatom afirmou que suspenderá a operação na usina nuclear de Bushehr, que construiu e mantém funcionando no Irã. A empresa afirma que é preciso reduzir o risco de acidentes em caso de a unidade ser atingida.

O programa nuclear iraniano é objeto de discussão há anos, tendo sido objeto de um acordo do qual Trump se retirou em 2018 afirmando que não permitia a verificação da promessa de não enriquecer urânio ao nível militar em troca de fim de sanções.

Após a curta guerra com Israel e o ataque americano de 2025, tudo ficou parado, só para as negociações retomadas neste ano serem ignoradas pelo presidente no sábado passado.

A AIEA estima que os 440,9 kg de urânio a 60%, que servem para de 10 a 15 bombas rudimentares, estão estocados em algum depósito subterrâneo do Irã, mas não houve inspeções permitidas nos locais atingidos pelos EUA no ano passado.

Além disso, há a questão do conhecimento para fazer a bomba, que não depende de bunkers. Ele não é exterminável, apesar de Israel há anos promover uma campanha de assassinatos de cientistas ligados ao programa.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Irã muda tática contra poder de fogo de EUA e Israel

A nova guerra no Oriente Médio mostrou, em seu primeiro momento, que ambos os lados contam com o tempo de forma diferente na expectativa de vencerem o conflito.

Os Estados Unidos e Israel, agressores do turno, apostam que o poder de fogo maciço e sistemático empregado até aqui acabe por dobrar estrategicamente o Irã, fazendo a teocracia entregar os pontos —a queda do regime, contudo, já está cada vez mais relegada à retórica.

Com os detalhes que vão emergindo acerca da operação, fica claro um trabalho coordenado com três objetivos principais: atingir o máximo da liderança do regime de Teerã, suprimir capacidades tanto de defesa quanto de ataque, e mirar o programa nuclear dos aiatolás.

No primeiro item, o sucesso se mede pela contagem de corpos, a começar pelo do líder supremo, Ali Khamenei. Mas, diferentemente do que ocorreu

com o Hamas e o Hezbollah na mão dos planejadores militares israelenses depois do 7 de Outubro, não houve o impacto imediato esperado.

Primeiro, a teocracia não desmoronou do dia para a noite, nem o povo voltou às ruas —não há oposição organizada, mas há bombas caindo, além da repressão. Segundo, a estrutura iraniana se mostrou flexível: a perda de vários comandantes militares não limitou a habilidade do país de contra-atacar.

Isso mostra que o processo decisório foi horizontalizado, provavelmente auxiliado por um certo grau de automação.

No segundo objetivo, o trabalho está em curso. Aqui é notável a divisão de trabalho entre os EUA e Israel, que sugere meses de treino: o Estado judeu foi atrás das cabeças premiadas e, depois, passou a atacar sistemas antiaéreos e a infraestrutura de lançamento de mísseis balísticos do Irã no oeste do país.

Era uma tarefa para a qual já vinha preparado desde a guerra de 12 dias do ano passado, quando seus ativos infiltrados no rival chegaram a atacar lançadores com drones a poucos quilômetros.

Conforme relato de uma oficial israelense à reportagem, o dado de inteligência acerca da reunião com 40 membros da cúpula sobre a crise na manhã do sábado (28) chegou momentos antes do encontro. Boa parte dos presentes, Khamenei incluso, morreu.

Já as forças de Donald Trump aproveitaram o caminho aberto por 200 caças israelenses, apoiados por dezenas de aeronaves de reabastecimento e inteligência dos EUA, para ir atrás da infraestrutura militar mais robusta do regime.

A chegada dos bombardeiros B-2 e B-1B mais tardiamente ao teatro de operações sugere que talvez Trump tenha sido sincero ao dizer que o pior esta-

va por vir. Os EUA também se encarregaram de afundar os 11 navios do país no golfo de Omã.

O alvo de dismantelar de vez o programa nuclear iraniano é mais elusivo, mas entra na mesma conta dessa parte da operação.

Sem condições de se defender dos golpes, restou ao Irã garantir a retaliação que a destruição da cadeia de comando não impediu. Só que desta vez os iranianos agiram de forma diversa do conflito anterior, quando buscaram saturar as eficazes defesas israelenses.

Visando um conflito mais longo, em vez de salvas de 50 mísseis como em 2025, o Irã está sendo parcimonioso, tendo voltado seu foco para a dispersão geográfica.

Teerã está atacando bases americanas e aliados de Washington no golfo Pérsico com intensidade. Além do impacto moral, há a dificuldade de reposição de defesas aéreas

—relatos indicam que ela não dura uma semana nos exigidos Qatar e Bahrein.

Há questões econômicas, inclusive. Caças americanos que custam US\$ 35 mil a hora-voo lançam mísseis de até US\$ 500 mil contra drones de US\$ 20 mil. Este é um filme já visto na Ucrânia.

Mas a tática pode jogar contra Teerã se galvanizar uma coalizão árabe em torno dos EUA, algo difícil pela presença do Estado judeu.

Há outras incertezas, como a entrada do Hezbollah libanês na guerra ou o real impacto do fechamento do estreito de Hormuz. Fora o imponderável, como um ataque bem-sucedido a porta-aviões, algo inédito.

São apostas distintas num teste de resistência, embora a ausência de um componente terrestre nesta guerra sugira que o regime poderá governar sobre ruínas ao fim.

Por Igor Gielow (Folhapress)